

O Globo

17/6/1984

Produtor também se considera um marginalizado

O produtor de cana e professor Roberto Rodrigues considera os acontecimentos de Guariba "traumatizantes" e afirma que eles demoraram muito a ocorrer.

— Foram resultado da marginalização do homem do campo, tanto trabalhador como produtor — argumenta Rodrigues. —O Governo tem hoje uma política fora da realidade. Precisariamos de uma política agrícola voltada para a produção de alimentos, mas o Governo prefere incentivar a produção de soja, para a exportação, e dá prioridade à cana, que será transformada em álcool combustível.

Rodrigues concorda que o sistema de produção e industrialização da cana é muito rico, enquanto o trabalhador está cada vez mais pobre. Faz questão de lembrar que apenas na região de Guariba, com quatro usinas e uma destilaria, o Funrural recolhe aproximadamente Cr\$ 1 bilhão por ano, mas destina para assistência médica na mesma área em torno de Cr\$ 30 milhões.

— Há uma distorção sem precedentes. A gente calcula que o dinheiro está indo para outras áreas — afirma.

Ele acrescenta que o surgimento do bóia-fria, um fenômeno dos últimos 20 anos, é produto dessa política agrícola equivocada que o país adotou, e diz que os patrões já estão pensando em como manter os bóias-frias empregados nos períodos de entressafras.

— Uma das alternativas é dar outros trabalhos, como o plantio de produtos intermediários, intercalados com a cana.

Rodrigues afirma que a insatisfação entre os bóias-frias do setor da cana se deve principalmente a um grupo de maus patrões, que se recusa a cumprir a legislação trabalhista, e à existência do "gato", que explora os trabalhadores.

— Quando todos cumprirem seus deveres, a situação estará perfeitamente controlada. Precisa haver um maior entendimento entre produtores de cana, usineiros e trabalhadores, para se chegar a um acordo que beneficie a todos, sem exploração de nenhuma das partes — sustenta Roberto Rodrigues.

(Página 10)